

Bird teme que Carajás dizime a floresta

Produção de gusa exigirá carvão da mata nativa

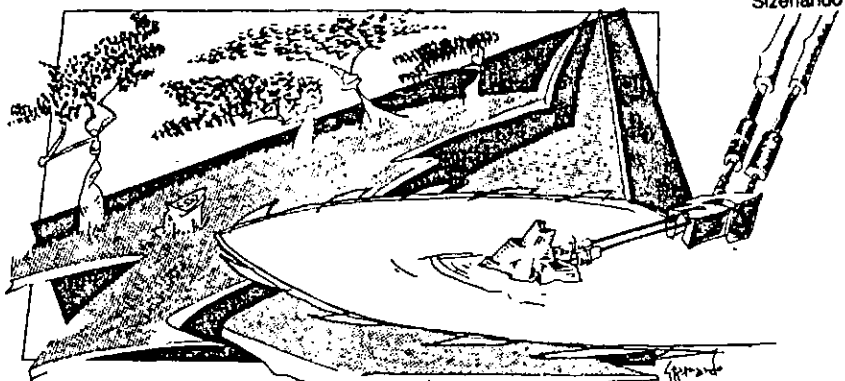
Silvio Ferraz
Correspondente

WASHINGTON — A instalação de 28 empresas produtoras de ferro gusa na região do Projeto Grande Carajás provocará um enorme desmatamento na região com reflexos negativos para todo o país. Será necessário plantar uma área equivalente a 35 jaris — o projeto faraônico instalado pelo bilionário americano Daniel Ludwig — para gerar o carvão vegetal, matéria-prima utilizada nos fornos. Estas conclusões de técnicos internacionais, endossadas pelo Banco Mundial, estão causando grande preocupação neste organismo. “Para o governo brasileiro sairia mais barato indenizar as três empresas que já se instalaram na região e paralisar este tipo de projeto do que arcar com uma incalculável despesa para reflorestar uma região maior que muitos países”, disse a antropóloga Maritta Koch-Weser, do Banco Mundial.

Os produtores de ferro gusa, responsáveis pelo desmatamento de Minas Gerais, estão partindo de números errados para calcular a produtividade de seus empreendimentos, uma vez que não consideram como custo o replantio das árvores que abaterão. Quando se coloca esta importante variável, seus custos de produção serão negativos e as empresas se verão às voltas com seus balanços no vermelho. “O que estão planejando é dar cabo da floresta existente”, adverte Maritta. “Há muito dinheiro envolvido no jogo predatório”, alerta a antropóloga, ressaltando ser adequada a legislação brasileira de proteção à natureza, embora faltem meios para fiscalizar e punir os infratores.

“Guseiros — Enquanto a Companhia Vale do Rio Doce conquista, a cada dia que passa, a reputação de uma empresa consciente da importância do meio ambiente, o Projeto Grande Carajás parece ver apenas o lucro financeiro das atividades a que se propôs na região. Não leva em consideração, por exemplo, que em 1911 metade de Minas Gerais era de florestas virgens. Hoje, segundo os cálculos oficiais, estas florestas responderiam por menos de 27% do território. Mesmo assim, este número é questionado pelos especialistas internacionais. O Banco Mundial, recentemente, concedeu um empréstimo de 48,5 milhões de dólares para que o estado de Minas pudesse expandir sua indústria siderúrgica à base de gusa e, simultaneamente, cuidasse dos aspectos ambientais — que ameaçam arrasar suas reservas naturais. Atualmente, os *Guseiros* como são chamados os produtores de ferro gusa, estão trazendo carvão vegetal de Mato Grosso e Goiás — uma distância que às vezes alcança mil quilômetros — o que torna o seu preço inviável. Por isso mesmo, estão pressionando o governo para dedicar o Projeto Grande Carajás à produção de gusa. Lá existe madeira em abundância e jazidas de minério de ferro, numa aparente comunhão ideal.

O que não estão considerando é que, ao exportar o gusa, estarão também exportando o solo, uma riqueza



nacional — pondera Maritta. A antropóloga alerta para as consequências do desmatamento indiscriminado, causador de secas nos mananciais e alterações climáticas praticamente irreversíveis. “O desmatamento naquela região já provocou a elevação de 5 graus centígrados na temperatura de São Luís do Maranhão, conforme pesquisas realizadas entre 1980 e 1986”, afirma. Ao recomendar a imediata paralisação da operação das três usinas instaladas na região, Maritta alerta também para a imensa poluição que se vai criar ali, prejudicando a fauna e a flora. Acostumada a receber estas críticas e advertências como “coisas de poeta”, Maritta frisa: “Não se trata de uma preocupação poética. Trata-se do futuro do país e das gerações que virão.”

O especialista Philip Fearnside, que esteve na Amazônia estudando o impacto do Jari e suas dificuldades, prevê não apenas a repetição de seus problemas na área do Grande Carajás, como também o seu agravamento. “A magnitude do investimento necessário para suprir as empresas de gusa do projeto de Carajás são de tal ordem que elas deverão se abastecer com a floresta virgem, transformando-se, assim, em ativos agentes do desmatamento”, acentuou o cientista num documento ao Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Fearnside alerta também para os problemas atualmente existentes no Jari e que poderão repetir-se caso a improvável solução ideal de reflorestamento de 35 Jaris ocorra em Carajás: o esgotamento dos nutrientes, compactação e erosão dos solos, chegadas de novas pragas e doenças.

Custos — Um documento do Banco Mundial mostra também a incoerência dos estudos econômicos para determinar a viabilidade da instalação de usinas de ferro-gusa na região. “É bastante claro que os resultados econômicos só são positivos com o uso de carvão virgem. Com carvão procedente de reflorestamento, eles são negativos”, frisa o documento. O estudo mostra também serem falsas as premissas de viabilidade financeira: “Apesar de a queda do preço do gusa ser dicutível, é certo o aumento do preço do carvão vegetal utilizado para aquecer os fornos”. O estudo de viabilidade preparado pela empresa KTS — vendedora de fornos siderúrgicos — indica que o carvão procedente de florestas naturais custa 45 dólares a tonelada.

“Estabelecer as indústrias e então cuidar do carvão é uma inversão de valores que levará ao desmatamento predatório das florestas”, assinala o estudo do Banco Mundial. “A floresta virgem não é um recurso renovável. Ao contrário, trata-se de um frágil recurso apoiado na diversidade biológica. É uma reserva genética de valor incalculável. Da forma como está sendo tratada, estarão exaurida antes mesmo que as reservas de minério da região”, enfatiza o documento.

JB M. 3.88 7.7

